



ORAÇÃO ALUSIVA ÀS VITÓRIAS DA FEB NA ITÁLIA

Octavio Pereira da Costa

*General de Divisão, Diretor de Extensão e Especialização do
Departamento de Ensino e Pesquisa do Ministério do Exército.*

A no após ano, normalmente no dia 21 de fevereiro, nosso Exército relembra, em todos os seus quartéis, as vitórias da FEB na Itália e realiza a solenidade principal, quase sempre neste Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, em culto que já se fez tradição e que recebe a solidariedade de toda a nação, na invariável presença do Presidente da República e do povo da cidade do Rio de Janeiro.

Relembrando as vitórias de nossa força expedicionária, nos combates de Monte Castelo, La Serra, Castelnuovo e Montese, reverenciamos nossos heróis de todos os combates, das horas gloriosas ou amargas de nossa participação na luta contra o nazi-fascismo.

Nossa força expedicionária foi uma só Divisão, presença do Brasil em meio a dezenas de outras de cada qual de nossos principais aliados, na cena do teatro europeu. Chegando ao chão da luta a oi-

to meses de seu fim, deveria estar sempre empenhada em combate, estóica e denodada unidade, sem rodízio e sem repouso, para bramar ao mundo nossa resposta à agressão hitlerista.

A carência de recursos humanos na frente italiana, decorrente da transferência, para o sul da França, de experientes tropas aliadas, e o imperativo de nossa permanência na luta impuseram-nos operações difíceis, em terreno ingrato, e, não raro, com pequenas probabilidades de êxito, mas com a finalidade, por igual honrosa, de manter os nazistas sob pressão constante, aferrados à península, sem poder poupar efetivos com que reforçar as frentes da decisão.

Sempre em posição, guardando o setor acima das possibilidades dos meios, jamais atacando com a Divisão inteira — na potencialidade de seus três regimentos de infantaria, antes fazendo prodígios, conseguindo dispor de atacantes com o sacrifício e o risco dos defenso-

res, o comando brasileiro não se poderia permitir veleidades de brilho operacional e teria de ser o que foi: bom senso antes, equilíbrio e poupança sempre, nunca bonapartismo e aventura. Daí o dizer-se que a campanha da Itália foi uma guerra de Sargentos, de Tenentes e de Capitães, e daí ter sido o soldado, o soldado desconhecido, o nosso querido e anônimo pracinha, hoje aqui reverenciado, o seu herói maior.

Situam-se os combates de Monte Castelo, La Serra e Castelnuovo no quadro do Plano "Encore", do 4.º Corpo de Exército americano, a que estava integrada a nossa Divisão Expedicionária, ofensiva preliminar, de objetivos limitados à conquista de bases e observatórios, indispensáveis ao desencadeamento da ofensiva final, a Ofensiva da Primavera, lançada pelo V Exército, a que todos pertencíamos, e de que Montese foi, para nós, o grande momento de choque e de ruptura.

O combate de Monte Castelo, a 21 de fevereiro de 1945, a que se seguiram as operações de consolidação, prolongando-se em La Serra até o dia 25, é a vitória do valor moral, da tenacidade e da constância dos nossos pracinhas, vingando o sacrifício de quatro tentativas fracassadas e quebrando o tabu do baluarte que já parecia ser inexpugnável.

Castelnuovo, a 5 de março, é o combate de maior expressão tática, hábil manobra de isolamento do ponto forte de Sopressasso e de convergência de dois ataques sobre o lugarejo.

Cabe a Montese, a 14 de abril, ter sido o mais sangrento e o de maior valia no âmbito geral da ofensiva, pela terrível reação oposta pelos nazistas e por abrir-se, naquele maciço, uma das portas que levariam à terminação da guerra na península italiana.

Embora compreendendo a exata dimensão da FEB no contexto da imensa conflagração que envolveu exércitos e nações como um todo, o Exército Brasileiro procura dar ressonância nacional às comemorações anuais de seus feitos porque tem consciência de sua significação em nossa evolução histórica e porque, acima de tudo, deseja marcar nosso completo repúdio ao totalitarismo nazifascista e proclamar nossa inquebrantável fidelidade à democracia e à liberdade.

As grandes transformações operadas no Brasil depois de 1945 têm suas sementes em nosso esforço de guerra, na contribuição estratégica do Nordeste brasileiro para a vitória aliada e no sangue de marinheiros, aviadores e soldados, sacrificados no cumprimento do dever.

Combatendo de igual para igual, com os melhores soldados do mundo e assistindo, de perto, aos dramas de outros povos, nosso homem parece ter aprendido a confiar em suas próprias possibilidades e na valia de sua fraternidade, de sua democracia vivencial e da maneira brasileira de ser e de viver.

A FEB ajudou a consolidar nossas convicções democráticas e a amadurecer a consciência profissional do Exército Brasileiro, a firmar a prevalência da disciplina e da hierarquia, contribuindo para encerrar o ciclo do tenentismo e substituir o individualismo idealístico ou anárquico pelo sentido de união e de vontade coletiva a serviço dos anseios nacionais.

A FEB não se isolou em sua glória e não se enquistou à margem da instituição. Seus chefes, longe de perseguirem dividendos políticos, dedicaram-se a ajudar os ex-combatentes a se reintegrarem à vida normal, nos exemplos de desam-

bição, de patriotismo e de solidariedade humana — primeiro, de MASCARENHAS DE MORAES; depois, de CORDEIRO DE FARIAS, cuja morte hoje pranteamos.

Nossa colaboração para a vitória aliada ensejou a oportunidade histórica para a realização do grande projeto siderúrgico de Volta Redonda — alicerce do processo de industrialização e da iniciação de um imenso esforço de desenvolvimento nacional.

Ao cultuar os feitos militares e reverenciar seus heróis, como imperativo da formação moral dos quadros e da tropa, o Exército Brasileiro, inspirado no exemplo de seu patrono — o grande pacificador, procura esquecer as nações e os homens com que se defrontou, mas mantém acesa a memória de causas e ideais que o levaram ao recurso extremo da luta armada. Daí por que assumem repercussão nacional e anualmente se renovam, com beneditina constância, nossas homenagens aos que souberam defender a democracia e a liberdade, contra o nazi-fascismo — na Itália, e, dentro

de nossas fronteiras, de armas na mão, nas cidades e no campo, contra o totalitarismo marxista, na intentona de 35 e nas recentes investidas da subversão e do terrorismo. É que os combatentes da FEB se identificam com esses outros combatentes, tanto na mesma missão de defender a pátria e garantir os poderes constituídos, a lei e a ordem, como no mesmo sentimento do dever que exige o sacrifício da própria vida.

Subindo ao pórtico das duas mãos levantadas em prece a Deus, para a reverência aos anônimos pracinhas da FEB, que deram sua mocidade e suas vidas para que pudéssemos viver sem tirania, e juntando-se às emoções dos velhos combatentes, aqui presentes, que ainda conservam na alma a imagem que lhes coube do pedaço de guerra de seus olhos, autoridades e povo renovam sua confiança no Exército de sempre e nos três soldados irmanados, aqui esculpidos, em movimento, no granito, e que garantem a paz e a liberdade, e servem, fielmente, através das gerações, à nação brasileira.